

Correlação dos anos de escolaridade com o estado cognitivo em idosas

Fabio Ricardo Hilgenberg Gomes; Valdomiro de Oliveira; Gislaine Cristina Vagetti.

FACULDADE SANTANA-IESSA; UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ- UFPR; UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ- UNESPAR

E-mail: frblan@msn.com

Introdução: Com o crescimento acelerado da população idosa, baixos índices de nascimentos, e boas expectativas de vida, observa-se a projeção da população para cada vez mais ficar envelhecida (IBGE, 2013). Devido a este fenômeno, diversas áreas do conhecimento vêm estudando a pessoa idosa (GOMES, VAGETTI e OLIVEIRA 2017). Dentre essas áreas do conhecimento, a psicologia tem desenvolvido diversos estudos relacionados a população idosa, no entanto a educação ainda necessita expandir mais o olhar investigativo sobre a pessoa idosa, pois a mesma tem caráter problematizador e crítico, e ainda está buscando espaço sobre a temática do envelhecimento (ARGIMON et al., 2012; SCORTEGAGNA E OLIVEIRA, 2010). A escolaridade (como um dos fatores de estimativas educacionais) em muitos estudos ainda é tratada como dado caracterizador de amostra (JORGE 2017). Para alguns pesquisadores, além de comportamentos não saudáveis, a baixa escolaridade parece refletir em doenças degenerativas ligadas a cognição entre idosos (FARIA et al., 2013). Segundo Parente et al. (2009), o nível de escolaridade ultrapassa a ideia de ser apenas um dado de tempo de anos de estudo, mostrando-se uma variável multidimensional, sendo utilizado e desenvolvido pelo indivíduo conforme as suas necessidades. Para Stern (2009) um conjunto de experiências de vida, como escolaridade, estão associado a uma menor taxa de diminuição da memória no envelhecimento normal.

Estes achados indicam que indivíduos com maior escolaridade apresentaram estilo de vida mais saudável, bem como parece ser um fator importante para manutenção do estado cognitivo (BREWSTER et al., 2014; JUNIOR, LAMONATO e GOBBI., 2011; DINIZ et al., 2007).

Segundo Moraes, Moraes e Lima (2011) o estado cognitivo é um dos únicos aspectos que demonstram não envelhecer nos idosos, ou seja, a sua capacidade de raciocínio se mantém mesmo com as perdas fisiológicas, principalmente se o idoso mantém a sua cognição ativa. Nessa perspectiva, alguns estudos apontam para uma possível relação entre o estilo de vida adequado com o bom estado cognitivo entre idosos (BIRCH et al., 2016). As alterações cognitivas que porventura surgem no envelhecimento estariam então, ligadas a mudanças

fisiológicas e em decorrência de doenças degenerativas, as quais podem ser minimizadas com comportamentos saudáveis (FARIA et. al., 2013; ALDERS e LEVINE-MADORI, 2010).

Portanto, com o exposto acima, deve-se alertar sobre a importância do dado sociodemográfico escolaridade em função da condição cognitiva do idoso. Pensando nisso, o presente trabalho tem como objetivo verificar a relação dos anos de escolaridade com estado cognitivo de idosas.

Metodologia: Este estudo caracteriza-se como descritivo-correlacional do tipo transversal (THOMAS, NELSON, SILVERMAN 2012). Participaram do estudo 544 idosas, de uma população de 1100 idosas participantes do programa de atividades físicas do Departamento do Idoso, da Fundação ProAmor do Município de Ponta Grossa, Paraná-Brasil. Instrumentos e procedimentos: Os dados foram coletados por uma equipe previamente treinada, no horário das atividades das idosas. Os fatores de inclusão desta pesquisa foram o preenchimento e assinatura do Termo de Consentimento livre esclarecido, ser do sexo feminino, e possuir idade \geq a 60 anos. A coleta de dados correu no período de maio a dezembro de 2015. Foi utilizado o seguinte Instrumento: Mini Mental State - MMS (FOLSTEIN et al., 1975) teste cognitivo, para medida do estado mental, com pontuação de 0 a 30 pontos. Foi adicionado a questão “Tempo de estudos em Anos”. Para a análise estatística foi realizada a análise descritiva e regressão linear com significância de $p \leq 0,05$ entre as variáveis “Tempo de estudo” e “escore cognitivo”, por meio do programa SPSS 24.0. Este estudo seguiu aspectos éticos, sendo submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná-UFPR, e aprovado sob o parecer nº 954.303. As idosas que aceitaram participar assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) fazendo-se assim, cientes da sua participação do estudo.

Resultados e Discussões: Dentre os resultados obtidos, a maioria das idosas (28,1%) tem 4 anos de estudo, demonstrando a baixa escolaridade desta população. Estudos preliminares também observaram que a escolaridade dos idosos brasileiros é baixa (VAGETTI et al., 2013, JORGE 2017). Este achado indica a precariedade educacional o qual passou a educação brasileira, onde nas décadas de 50 e 60 do século passado se reestruturava para avançar nos aspectos de ensino em combate ao analfabetismo. Em relação ao aspecto cognitivo, entre os achados observou-se que 24,8 % das idosas apresentam comprometimento cognitivo. Estudos como o de Faria et al. (2013), cerca de 30% apresentaram baixo desempenho cognitivo,

segundo este estudo o comprometimento cognitivo pode ocorrer por causa de fatores sociodemográficos, como a baixa escolaridade. O estudo de Paulo e Yassuda (2012) aponta que a maioria dos déficits cognitivos acontecem em idosos de baixa escolaridade.

A correlação de Person apresentou magnitude média ($r=0,382$ para $p\leq 0,00$) o que indica haver relação da escolaridade com o estado cognitivo. O estudo de Junior, Lamonato e Gobbi (2011) também verificou esta relação e também encontrou correlação significativa entre a escolaridade e estado cognitivo global. Com o envelhecimento, funções psicológicas como a cognição mostram-se como indicadores positivos para o bem-estar do idoso. Segundo Moraes, Moraes e Lima (2010) a presença de déficits cognitivos pode representar limitações funcionais entre idosos o que acarreta perda para o constructo qualidade de vida.

Na amostra analisada, o estado cognitivo explicou 14,4 % da variação dos anos de escolaridade. Segundo os resultados estatísticos, a cada ano a mais de estudo, o valor do teste do Mini Mental State é aumentado em 0,415, indicando que a escolaridade interfere no estado mental do idoso, e conseqüentemente em sua cognição.

Este estudo apresenta limitações. A primeira é de utilizar apenas um instrumento com adição de uma questão central, podendo então não retratar a realidade trazida pelas variáveis. Outro é a utilização de variáveis que tem envolvimento intrínseco. No entanto, o estudo apresenta condições para alertar sobre a necessidade de promover a escolarização da pessoa idosa em função da melhora do aspecto cognitivo.

Conclusões: Neste estudo foi encontrada relação positiva entre a escolaridade e o aspecto cognitivo em idosos. Os resultados encontrados demonstram a necessidade das políticas públicas aumentarem os investimentos para educação da pessoa idosa, melhorando assim a questão cognitiva desta população e contribuindo em outros aspectos inerentes a esta população.

Referências:

- ALDERS, A. LEVINE-MADORI, L. The Effect of Art Therapy on Cognitive Performance of Hispanic/Latino Older Adults. Art Therapy: **Journal of the American Art Therapy Association**, v.27, n.3, pp. 127-135, 2010.
- ARGIMON, I.I.L. et al. Gênero e escolaridade: estudo através do mini exame do estado mental (MEEM) em idosos. **Aletheia**. v. maio/dez. n. 38-39, p.153-161, 2012.

- BIRCH, K. et al. Cognitive Function as a Mediator in the Relationship Between Physical Activity and Depression Status in Older Adults. **Journal of Aging and Physical Activity**, v. 24, n.4, pp: 540-546, 2016.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **BRASIL EM NÚMEROS**. Rio de Janeiro, v. 21, p. 1-392, 2013.
- BREWSTER, P. W. H. et al. Life Experience and Demographic Influences on Cognitive Function in Older Adults. **Neuropsychology**, v.28, n.6, pp: 846–858, 2014.
- DINIZ, B. S. O., VOLPE, F. M., TAVARES, A. R. Nível educacional e idade no desempenho no Miniexame do Estado Mental em idosos residentes na comunidade. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v.34, n.1, pp: 13-17, 2007.
- FARIA, C. A. et al. Desempenho cognitivo e fragilidade em idosos clientes de operadora de saúde. **Revista Saúde Pública**, v. 47, n.5, pp:923-930, 2013.
- FOLSTEIN, M. F.; FOLSTEIN, S. E.; MCHUGH, P. R. Mini-mental state: a practical method for grading the cognitive state of patients for the clinician. **Psychiatric Research**, (UK) Oxford, v. 12, pp: 189-198, 1975.
- GOMES, F. R. H. ; VAGETTI, G. C. OLIVEIRA, V. **Envelhecimento Humano: Cognição, qualidade de vida e atividade física**. Appris: Curitiba, 2017.
- JORGE, M. S. G. Caracterização do perfil sociodemográfico, das condições de saúde e das condições sociais de idosos octogenários. **Revista Saúde e Pesquisa**, v. 10, n. 1, pp. 61-73, jan./abr. 2017.
- JUNIOR, A. C. Q., LAMONATO, A. C. C., GOBBI, S. Nível de escolaridade não influencia nível de atividade física em idosos. **Motriz**, v.17 n.1, pp:202-208, 2011.
- MORAES, E. N., MORAES, F. L., LIMA, S. P. P. Características biológicas e psicológicas do envelhecimento. **Revista de Medicina de Minas Gerais**, v.20, n.1, pp: 67-73, 2010.

- OLIVEIRA, R. C.; SCORTEGAGNA, P. Educação: integração, inserção e reconhecimento social para o idoso. **Revista Kairós Gerontologia**, v.13, n.1, pp. 53-72, São Paulo, junho 2010.
- PARENTE, M. A. M. P. et al. Evidências do papel da escolaridade na organização Cerebral. **Revista Neuropsicologia Latinoamericana**, v.1. n.1, pp: 72-80, 2009.
- PAULO, D. L.V.,YASSUDA, M. S. Queixas de memória de idosos e sua relação com escolaridade, desempenho cognitivo e sintomas de depressão e ansiedade. **Revista de Psiquiatria Clínica**. v.37, n.1, pp:23-26, 2010.
- STERN, Y. Cognitive Reserve. **Neuropsychologia**, v.47, n.10, pp: 2015–2028, 2009.
- THOMAS, J. R.; NELSON, J. K; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed, 2012.
- VAGETTI, G. C et al. Condições de saúde e variáveis sociodemográficas associadas à qualidade de vida em idosas de um programa de atividade física de Curitiba, Paraná, Sul do Brasil. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 29, n. 5, p. 955-969, maio, 2013.